

GLOBALIZAÇÃO E PARTICULARISMOS – O MESMO TEMPO?

Maria Helena Carvalho dos Santos

Nas vésperas dos milénios todas as retrospectivas são legítimas, da mesma forma que a futurologia cria adeptos. Vive-se um tempo verdadeiramente intermédio, entre um certo passado mitificado e um futuro imaginário, mais ou menos aterrorizador, desvalorizando afinal o “nosso tempo” – aquele de que deverá nascer o real futuro, para o bem e para o mal.

E com isto pretende-se apenas dizer duas coisas muito simples:

1.^a questão: em todos os tempos houve quem imaginasse, desenhasse e implementasse o futuro – um futuro que, afinal, é o nosso passado;

2.^a questão, decorrente da anterior: todos os dias estamos a estabelecer os alicerces do futuro, a criar (ou a negar) as condições para um evoluir, para um acertar de agulhas, para um ajuste entre instituições e sociedade, numa tendencial aproximação ao futuro, seja ele construído em espiral, como querem algumas escolas, ou revele retrocessos, como o nosso próprio século mostrou que podem existir.

Porque a história é uma ciência complexa, poderemos fixar uns tantos pontos de partida, isto é, deveremos estabelecer rigores metodológicos que balizem o nosso trabalho. Deveremos: *conhecer para problematizar; não afirmar nada que não possamos provar* e ter a noção forte de que a *História é um lugar de definitivos provisórios*. Estes pressupostos serão apenas difíceis de alcançar porque devem ser considerados em conconi-

tância. Diremos que há uma necessidade de coerência científica que não se compadece com a *lei geral do conforme*, mas antes, reafirmando a defesa que Engels fazia de Marx, quando explicava que este (Marx) só insistia na questão económica porque sobre isso era mais confrontado com as dúvidas dos seus críticos. No entanto, insistia Engels, se a História se restringisse ao fenómeno económico, então, estudar historicamente as sociedades seria tão simples como resolver uma equação do 2.º grau....E Engels explicava, de seguida, que para se entender o fenómeno histórico é necessário ter em análise e em consideração os hábitos e costumes, as tradições, o fenómeno religioso, o desenvolvimento das ciências e das técnicas, etc. Diremos nós que é preciso conhecer os quotidianos, avaliar os comportamentos para depois estudar e entender as mentalidades – e a seguir continuar a reflectir na única certeza de que apenas estamos a (re)construir uma história datada reflectora das nossas incertezas, ansiedades e preconceitos...

De anos em anos há uns Homens e uns livros que marcam o percurso do pensamento de alargados sectores de estudiosos. Também por isso, neste fim de século, se têm reunido colecções de livros, em exposições ou catálogos, arrumados, muitas vezes, dentro *dos 100 mais...* Cem livros é uma gota de água no vastíssimo mundo editorial, mas seria demasiado dar aqui a minha própria lista dos “meus” livros de referência. Por isso, nomearei apenas dois ou três.

Em 1968, em Paris, Marcuse publicava o seu “L’Homme unidimensionnel”, com que tomei contacto pelos meados de 70. Ele predizia, a manter-se a tendência, a redução do indivíduo a uma única faceta: um conformismo alimentado mais pela tecnologia que pelo terror. Um conformismo no qual a civilização só poderia produzir “um homem unidimensional”. Essa profecia parecia, à época, excessivamente pessimista, porque se vivia um tempo de contestação – que, podia parecer a alguns, impediria a concretização daquela chamada de atenção. Então, para esses anos de fins de 60 e inícios de 70, estávamos confrontados com a mesma problemática com que estamos hoje: a análise da evolução tendencial da sociedade pode fazer prever o caminho do futuro que, como sempre, sorria a uns e parecia negro a outros... Porque a História tem esse desafio perpétuo e essa terrível incógnita: porque é que uns desejam o progresso e o futuro e outros o temem e o rejeitam? Parece-me ser este o grande dilema dos Homens.

Todos podem considerar que os tempos de futuro serão diferentes dos tempos do passado e do presente. Perante essa constatação, uns entu-

siasmam-se e querem dar os grandes passos em frente, mas outros usam todos os mecanismos travão de que as sociedades dispõem e tentam o impossível: a perenidade. Com que consequências? As respostas, como sempre, são pelo menos duas:

1ª. É perigoso tomar medidas de risco, pensam uns...

2ª. Quanto custa não tomar medidas? perguntam outros... Ou, simplesmente, deveremos perguntar: quando começa o futuro?

Várias respostas parecem ter sido tentadas desde os fins da década de 60 tendo em consideração os futuros e próximos anos 80. Em Portugal, exactamente em Agosto de 1970, Afonso Cautela reunia dezassete textos de autores diversificados como Louis Armand, Arthur Koestler, Herman Kahn, Pierre Bercot ou John K. Galbraith, publicados primitivamente em lugares distintos como “*Informação UNESCO*”, “*Architectural Design*”, “*Nouveau Planète*” ou “*Actualité*” e editava “*Como viveremos em 1980*”¹. Um dos aspectos mais interessantes não será a actualidade da questão, apresentada como afirmação e não de forma interrogativa, mas antes essa ideia de necessidade de futurologia que hoje já constitui o nosso passado e é, por isso, já percurso histórico como, por exemplo, quando Galbraith considera que “os dois sistemas tendem a aproximar-se”. Foi essa aproximação que criou novas questões sociais a par da globalização?

Paralelamente a estas questões, deveremos ter em consideração que as estatísticas oficiais continuam a ser “cemitérios de algarismos”, como tive ocasião de escrever há muitos anos, quando, afinal, deveriam ser especialmente prospectivas. Nesta linha de pensamento o *Monde Diplomatique* em Novembro de 1997 revelava conclusões do “Office statistique des Communautés européennes” segundo as quais só nos inícios do próximo milénio serão conhecidos os dados relativos à situação da pobreza em 1996. No entanto, ainda que com atrasos de 4 ou mais anos, as estatísticas e as comparações económicas ou sociológicas que nos permitem, ficam eivadas de mal entendidos, de preconceitos ou mesmo de conclusões abertamente falseadas. Mesmo assim, num cruzamento de informação será possível entender, por exemplo, o aumento de despesas que uma classe média revela em função de um certo subproletariado traduzido pelas “empregadas domésticas”. Da mesma forma que nas mais evoluídas sociedades “sem classes”, como a inglesa, os números apontam

¹ *Como viveremos em 1980*, Etapas para o ano 2000, Editorial O Século, Lisboa, 1970.

para o seguinte, no domínio da educação: as 300 mais caras crèches inglesas comportavam, em 1997, 7% dos britânicos. Destes haverão de sair os 25% de futuros estudantes universitários e destes sairão os 50% que irão frequentar Oxford ou Cambridge. Neste grupo figurarão metade das pessoas referidas nas publicações especializadas de *Who's Who*, como dele saíram 12 dos 19 Primeiros Ministros ingleses do Século XX².

O atraso técnico, científico e mental que hoje se aponta a alguns dos nossos estudantes não poderá ser imputado a essa impossibilidade de um determinado percurso até estarem em condições de frequentar Oxford? Um jovem empresário dizia-me um destes dias que quando expunha uma ideia, se toda a gente lhe dizia que era boa, ele desistia.... Se, por outro lado, lhe diziam que se tratava de uma loucura, era aí que ele iria investir. E tem-o feito com algum êxito. Quando nos meios do poder existe uma postura entre um ontem tradicional e um hoje não entendido – quais vão ser as consequências? – um amanhã perdido?

Mas os livros e as ideias ficarão a marcar as várias hipóteses. E permitem-nos fazer hoje, aos historiadores, as seguintes considerações: em todas as épocas há sempre em presença mais que uma mentalidade, pelo que podemos e deveremos falar de uma **mentalidade predominante** (por norma oficial) e uma outra **mentalidade marginal**, subterrânea, paralela, que se vai afirmando, por vezes submergente, mas que virá ao de cima quando as condições forem favoráveis.

A liberdade, principalmente a liberdade política e a liberdade de expressão de pensamento, serão aqui factores de grande importância. Por isso, nessa complexa análise, poderemos ter que inverter um pouco os dados da questão. Poderá acontecer que em momentos revolucionários, quando teoria e prática se põem de acordo, ainda que seja por um ápice de tempo, poderá acontecer uma drástica alteração de comportamentos e de quotidianos que nos enganarão dando a entender, numa análise apresada, que estamos perante uma alteração de mentalidades. Todos sabemos como isso é difícil e como, por norma, uma geração não é suficiente para que o passado seja apenas passado...

O passado mantém-se entrecruzado com o presente, mesmo que no lugar da mentalidade oficial esteja a anterior mentalidade marginal. A caduca mentalidade predominante sobrevive, tendencialmente em declínio, mas será fiel aos seus apoiantes tradicionais. E há um momento em

² Serge Halimi, *Et si les classes sociales existaient encore?*, *Monde Diplomatique*, Novembro, 1997.

que já não se sabe muito bem acompanhar e explicar as curvas ou as tendências. Então a História pode ensinar-nos que depois de dois passos em frente se dá um passo atrás – ou, como diz o povo, “tudo mudou para que tudo fique na mesma” e os historiadores dizem, então, que **não há sociedades puras** – todas estão contaminadas com os germes de um passado e ainda estão débeis para suportarem os embates de novos desafios. Mas nessa marcha lenta e algo desequilibrada alguns foram vendo o fim do mundo ou “*O fim da História e o Último Homem*”, como Francis Fukuyama e a Flammarion publicaram em 1992. Outros se apressaram a escrever que o fim do mundo ainda não era para o nosso tempo...

Depois desta introdução, façamos um recuo no tempo para encontrarmos a equação do título que propusemos para este trabalho e que sintetiza algumas das nossas preocupações actuais.

Todos sabemos que Kant já havia considerado que a autonomia³ e a universalidade eram os dois caracteres fundamentais da lei moral. Quando hoje me atrevo a pôr a questão da “globalização e particularismos”, interrogando-me sobre se esse problema coexiste num mesmo tempo, é porque me parece que se trata de uma questão determinante em termos de futuro. E parece-me, ainda, que esta questão colocada numa perspectiva histórica vem tornar real e aproximar todas as pessoas dessa outra questão da História: **podemos dizer que a História interessa toda a gente porque ela diz respeito a toda a gente e toda a sociedade é o seu motor e o seu construtor**. A História já não pode mais ser vista como apenas a História dos livros e dos vencedores porque temos cada vez mais a ver com a História global e não podemos ignorar a História dos vencidos – porque vencedores e vencidos são situações transitórias e paralelas, devendo considerar, em permanência, as várias mentalidades em presença.

De todas as formas, não deveremos olhar estas questões de uma perspectiva nacional ou regional. São questões de todo o mundo – mas que se discutem com muita parcimónia, eu diria mesmo, com a influência das conveniências e dos interesses que sugerem ou determinam alguns tipos de censura. Em Maio deste ano (1998) *Le Monde Diplomatique*⁴,

³ Autonomia paradoxal à primeira vista, já que esta lei exige precisamente que o indivíduo submeta os seus desejos e interesses pessoais à ideia de universalidade, que ultrapasse a esfera limitada da sua subjectividade particular para se abrir ao reconhecimento dos outros. V. *La pensée et les Hommes, les individualismes*, Editions de l'Université de Bruxelles, n°4, 1986.

⁴ *Le Monde Diplomatique*, *Les aléas de l'internationalisme*, por Alain Gresh.

que se pode consultar na Internet, publicava um artigo intitulado “*Les aléas de l'internationalisme*” e considerava o paradoxo em que vivemos. Considerava que a globalização atingia a sua hora de triunfo; no entanto os *media*, em todas as regiões e países, consagram cada vez menos espaço aos “*affaires étrangères*”, para usar exactamente a sua expressão. O autor, Alain Gresh, acrescenta: “todos os estudos o demonstram: em Paris como em Washington, em Londres como em Madrid, a televisão e a imprensa reduziram de forma sensível a sua cobertura dos problemas internacionais”. No entanto, acrescenta uma excepção: “Somos imediatamente informados das quebras do Nikkei em Tóquio por oposição às manifestações a favor dos records de cotação de Dow Jones na Wall Street, assim como se revela inquietação pelas flutuações da bolsa em Séul”. O jornalista sintetiza: “os índices da bolsa tornaram-se o único “laço social” da “aldeia global”.

Diríamos que para o caso português se exploram também as catástrofes naturais, como se elas se desenrolassem sempre longe das nossas fronteiras e por isso estivessemos a dizer que o nosso céu é mais azul – afinal não de forma muito diferente do tempo de Salazar, quando se mostravam os malefícios das quedas sucessivas dos governos em França...

Para ir sintetizando o meu pensamento vou recorrer de novo a Marx e a Engels, lembrando o que todos sabemos. Eles escreveram: “no lugar do antigo isolamento das regiões e das nações que se bastavam a si próprias, desenvolvem-se relações universais e uma interdependência universal das nações”. Hoje todos nos damos conta de que isto é uma realidade. Mas poderemos aceitar que isto que é uma realidade só o seja efectivamente no plano restrito da economia? Ou teremos que aceitar que Marx tinha razão? Ou mesmo que Voltaire já tinha tido a mesma intuição? Ou que Max Weber já tinha encontrado explicações de mentalidade para a questão do lucro? E hoje? talvez, o **estudo da questão** possa ser iniciado por uma dupla abordagem:

1. onde está a autonomia do consumidor?
2. onde fica a fronteira entre o consumidor e o cidadão⁵?

Vejamos alguns exemplos *muito práticos* oferecidos pelas fontes do meu quotidiano e que a pequena história pode recolher:

⁵ Por exemplo, o cidadão procurará proteger a floresta. O consumidor rejeita o papel reciclado.

- Em Pequim, no fim de uma tarde de verão, o lugar mais fácil que encontrei para descansar foi num McDonald's, comendo um hamburger e bebendo uma Coca-cola. Há tempos aconteceu-me o mesmo em Viana da Áustria. O chá, na China, ou um café vienense estavam muito longe do lugar onde me encontrava e tinham pouco a ver, nesses momentos, com o anti-ritual que o turismo apressado impõe a todos nós. Ainda em Pequim fui comprar, de táxi, bilhetes para o teatro. Dei-me conta que um enorme Hotel estava em frente do Teatro. Resolvi entrar para ver (o meu Hotel, de 3 estrelas, aguçava-me o apetite para um atractivo 5 estrelas. E já que ali estava...) Andei um pouco para atravessar a rua na passadeira, depois fui percorrendo o passeio para encontrar a entrada. Durante mais de meia hora fui andando em torno do Hotel, que umas vezes se aproximava, outras se distanciava... Insisti, andei centenas de metros, vendo sempre o Hotel através de grades de jardim, dobrei uma estrada, passei por debaixo de um viaduto (onde se vendiam acessórios de bicicleta), voltei à rua principal, depois a uma estrada e acabei perguntando... À entrada principal só se chegava depois de ter entrado num parque de automóveis com uma segurança bem visível. Não me perguntaram nada e fui usufruindo dos pequenos serviços que se prestam naqueles hotéis: um jornal grátis, um chá caro, uma casa de banho com dourados, uma algaraviada de línguas...

- Há uns anos, no Brasil, fiz em dois dias seguidos o mesmo percurso de táxi e no segundo dia paguei exactamente o dobro. Perante a minha indignação o taxista explicou-me que a inflação tinha sido ajustada nessa noite... A inflação rondava os 100% ao mês!

- Na América, pelos fins de 70, fiz o primeiro contacto com os computadores numa escola secundária, em Beverly Hills, um dos locais mais ricos da rica Los Angeles. O insucesso escolar dos meninos ricos estava a ser debelado com a introdução, na escola, dos computadores. A aposta era que cada um trabalhasse ao seu ritmo e de acordo com o seu grau de conhecimentos. Os pais (ricos) colaboraram com a escola e os jovens passaram a dispor, na escola, de uma novidade que a família, inteligentemente, não lhes oferecia em casa. Dizem-me que Portugal tem uma percentagem alta de PC's familiares... E nas escolas?

- Alguns meses depois da experiência na América participei em Paris numa das primeiras tele-conferências intercontinentais. Tive ocasião de trocar impressões com a Ministra da Educação do Canadá que não precisara de sair de Toronto. Pela mesma ocasião visitei o Centro de Produção Audiovisual para as Escolas. Perante um programa de língua, que

eu tentava apenas saber se poderia ser adaptado ao estudo da língua portuguesa, percorri rapidamente o texto e tentei passar às questões seguintes. O visor não esteve pelos ajustes da minha ansiedade e travando a minha pressa, disse-me: “leu depressa demais; volte a trás”. Era verdade, eu não saberia responder às perguntas de interpretação...

- Nesta Faculdade, há uns anos, tive dois alunos do Irão. Um dia pediram para falarem comigo em particular. Pediam-me que lhes explicasse o que é que as mulheres ocidentais tinham ganho com a chamada “libertação da mulher”. Não foi fácil responder-lhes. Mais tarde encontrei um deles no aeroporto de Paris, com a jovem mulher e uma filha pequenita. A mãe usava um trajo tradicional e nunca tinha ido à Universidade. A pequenita usava calças de ganga, talvez de marca... Será que um dia vai chegar o tempo da sua dita “iniciação feminina” e o tempo de todas as violências?

- O engenheiro Belmiro de Azevedo reuniu esta semana (estamos em Novembro de 1998) com os Deputados portugueses, na Assembleia da República, às 8 horas da manhã. À saída disse que não tinha lá ido fazer nada... Como deveremos entender este relacionamento entre o poder económico e o poder legislativo? Certamente que o económico tem outros parceiros de discussão e outros horários de trabalho.

- No Japão, em Kyoto, na visita a um templo, tive ocasião de me deixar impressionar por essa magnífica ideia de que “não há coisas perfeitas”. O exemplo era o jardim das pedras. Construído por um sábio arquitecto nos alvares do nosso primeiro milénio, tem como decoração a relva verde do chão e uma quantas pedras, maiores e mais pequenas, em grupo ou isoladas. São 15, mas de nenhum lugar do jardim se podem contemplar todas ao mesmo tempo, levando sempre a contas inferiores ao número verdadeiro porque, conforme os ângulos, umas escondem as outras. Não há obras perfeitas, mas a mensagem percorre os tempos, chamando-nos à realidade das ideias enganosas.

- Num país como o nosso, onde há um ano o Ministério da Educação falava dramaticamente de iletrariedade, acaba o escritor mais polémico de ganhar o prémio Nobel.

- Em todo o nosso mundo existem 850 milhões de pessoas com fome e existem 20 milhões de desempregados na Europa.

- Agora é notícia o caso Pinochet⁶.

⁶ As grandes ou importantes notícias evoluíram nestes meses que medearam entre os Encontros e a data fixada para a entrega do texto escrito. Por isso, já não é de Pinochet

- De grande relevo e importância parece-me ser o discurso da rainha de Inglaterra, introduzindo a problemática de hereditariedade dos Pares⁷.
- O nosso tempo, para o bem e para o mal está a pôr tudo em causa.
- Passam este ano os 50 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Mais tarde vieram os “direitos políticos das mulheres”, os “direitos da criança”, os “direitos dos animais” e os “direitos da natureza”. Todas estas questões se situam entre a **globalização e os particularismos**, vividas num mesmo tempo. Todas já têm um percurso para a História acompanhar. A Declaração fez-se **Universal** porque a guerra que a antecedeu foi **Mundial**. É um jogo de gato e rato ou vivemos de mitos e símbolos?

E se estamos a falar de globalização e particularismos, deveremos interrogar o papel das ciências e das ciências sociais neste modelo. Amitai Etzioni “acusa o paradigma económico padrão, utilitarista, de repousar sobre uma visão puramente monodimensional do sujeito humano”, como também explica Alain Caillé⁸, que contrapõe a necessidade de se lhe juntar uma dimensão moral, numa aproximação aos filósofos, mas também uma dimensão antropológica e histórica, na reformulação de um projecto que venha a ser sociofiloecómico, antropológico e histórico – e que requer a invenção de uma nova disciplina. Alain Caillé escreve: “Mas não pode ser uma disciplina como as outras”. Então como será? Uma disciplina que explique o *Homo economicus*? O autor esclarece: “O que é verdadeiramente necessário isolar e autonomizar não é, pois, tanto o momento teórico próprio de cada disciplina particular como o espaço teórico comum a todas”⁹, mesmo que os historiadores ou os literatos sigam por caminhos diferentes e estudem ou inventem várias Antigonas¹⁰. Porque, observando a nossa realidade, constata-se ainda, a pesar das estradas da informação, a enorme dificuldade de reunir consensos sobre as necessidades básicas de aprendizagem e de formação de forma a acompanhar harmonicamente o ritmo de mudança (e de globalização) que se

que os noticiários se ocupam, mas da guerra do Kosovo. Espera-se que não se esteja a falar da 3.ª Grande Guerra do Século XX.

⁷ O que parece estar a introduzir a grande questão da propriedade e da classe social suporte da monarquia.

⁸ In *A Demissão dos Intelectuais*, Instituto Piaget, Lisboa, 1997, p. 47.

⁹ *Idem*, p. 76.

¹⁰ *Idem*, p. 292.

verifica predominantemente no mundo das empresas e da economia. A tendência globalizante da economia parece não revelar a face correspondente no plano social e educacional, o que faz interrogar constantemente a responsabilidade das Escolas e dos Ministérios da Educação.

Deveremos retomar a questão, *Como viveremos em 1980?* agora alterando-lhe o calendário: “*Como viveremos em 2000 ou em 2010?*” e não se trata de fazer futurologia, como também não era isso que estava em causa pelo fim dos anos 60. Em Alvin Toffler, o autor de “*A Terceira Vaga*”, entre outras obras, encontramos algumas destas preocupações, especialmente no seu livro *Powershift*, publicado em 1990 e editado em Portugal em 1991¹¹, quando escreve sobre “o caixote do lixo da História” e, fazendo uma análise retrospectiva refere: “...frequentemente, os socialistas também denegriam os serviços e o trabalho de colarinho branco. Não era por pura coincidência que, quando os Soviéticos exigiam “realismo socialista” nas artes, pouco depois as paredes apareciam cobertas de murais representando vigorosos operários de músculos tensos a trabalhar em siderurgias e fábricas” e conclui de forma jocosa: “O trabalho intelectual era para fracotes não produtivos”. Posteriormente as escolas historiográficas debateram-se com a questão das estruturas (e das infra e das super-estruturas) como ressaca dessa influência económico-política. Hoje deveremos interrogar-nos sobre o *hardware* e o *software* e, seguindo ainda Toffler naquela linha de questões, ele considera que “para os marxistas¹², o *hardware* foi sempre mais importante do que o *software*”. E acrescenta: “a revolução informática está agora a ensinar-nos que o oposto é que é verdade. É o conhecimento que guia a economia, não a economia que guia o conhecimento”¹³. Consideramos especialmente interessante que este pensador tenha escrito em 1990: “Hoje a revolução mais importante que se está a fazer no mundo é o advento de uma nova civilização da Terceira Vaga com o seu novo sistema radical de criação de riqueza. Qualquer movimento que ainda não tenha apreendido esse facto está condenado a reviver os seus fracassos. Qualquer Estado que faça do conhecimento um prisioneiro está a imobilizar os seus cidadãos num passado de pesadelo”¹⁴. Se inevitavelmente devemos falar e viver a globali-

¹¹ Alvin Toffler, *Os Novos Poderes*, Livros do Brasil, 1991, Lisboa.

¹² O termo *marxista* é aqui usado por Toffler como sinónimo de russo-comunista.

¹³ *Idem*, p. 463.

¹⁴ *Idem*, p. 464.

zação, não poderemos para o caso português, ao menos no domínio do conhecimento, pretender viver um particularismo sem correremos o grave risco da asfixia. No ano em que se comemoram os 25 anos da Revolução de 1974 verifiquei que ainda se está a justificar o golpe de 25 de Abril com os erros ou defeitos do Estado Novo, esquecendo que a revolução se foi fazendo durante estes 25 anos e deverá ser pela positiva que a História a há-de lembrar e estudar. Quero eu dizer que a LIBERDADE deve servir para alguma coisa neste mundo de exigências e de confrontos. A liberdade não pode permitir fazer “do conhecimento um prisioneiro”, mesmo que as grades sejam os orçamentos do Estado. O que temos em frente dos nossos olhos nesta aldeia global é o próximo século, no qual “para manter a actividade da economia mundial, dois décimos da população activa serão suficientes”¹⁵. Assiste-se resignadamente às fórmulas: diminuir as despesas do Estado, baixar os salários, suprimir subsídios ou, em nome da crise, exigir sacrifícios a todos¹⁶. Mas se o nivelamento mundial produz os seus efeitos, parece que um desses efeitos é o da pobreza que começa a propagar-se. Os autores que vimos seguindo escrevem: “parece chegado o tempo de uma nova emigração”. E interrogam-se: “Mas em que direcção?”¹⁷ Não interessa considerar neste trabalho as hipóteses de direcção das migrações do nosso tempo, basta considerar que elas existem. O que verdadeiramente nos interessa é tentar saber por que razões se continua a emigrar e que esperanças ou rejeições alimentam essas migrações que, de alguma maneira, se opõem à ideia de aumento de exportações dos países menos desenvolvidos, que mantêm preços baixos à custa da inexistência de políticas sociais. Por isso, em função de critérios de justiça social, tem havido em França alguns pensadores da economia que vêm fazendo propostas alternativas para a “subvalorização artificial da moeda nos países exportadores”¹⁸ de modo a financiar importações numa perspectiva de repartição de riqueza. Ne entanto, a par destas preocupações de globaliza-

¹⁵ Hans-Peter Martin e Harald Schumann, *A Armadilha da Globalização – o assalto à democracia e ao bem estar social*, Terramar, Lisboa, 1998, p. 10.

¹⁶ A questão dos “sacrifícios a todos” terá sempre várias leituras. O jornalista do *Monde Diplomatique* Serge Halimi já referido, dá como exemplo o patrão da British Gas, M.Norman Blaker, que ao mesmo tempo que considerava que o salário de 13 mil libras/ano dos operários estava acima dos níveis de mercado, actualizou o seu próprio salário passando-o de 190 mil para 250 mil libras.

¹⁷ Hans-Peter Martin e Harald Schumann, *ob. cit.*, p. 46.

¹⁸ *Idem*, p. 161.

ção, aparecem as soluções de “localização económica” que fomentam os conflitos.

A par destas questões, uma outra que corta transversalmente todas as sociedades é a problemática da gestão e da estratégia que encerra, de qualquer forma que seja, a questão das lideranças. Se políticos como Mário Soares dizem em entrevistas de grande audiência que se vive um tempo de ausência de liderança, isso só pode ser entendido de duas formas: ou apenas se está a olhar em volta à procura do condotieri, ou se tem por referência um mundo que verdadeiramente já não existe. O Sr. Honda, no Japão, ou o Sr. Ford, na América, ou mesmo um Jean Monet são situações de passado. Na política, como nas empresas, a democracia invadiu os bastidores, entrou nos Conselhos de Estado como nos laboratórios onde o segredo deontológico é o único aceitável. E isso acontece porque tendencialmente o conhecimento e a informação estão à disposição de todos. Essa é a revolução. Aquilo de que hoje já se está a falar e a escrever é sobre a autoliderança¹⁹ (como se falou de autogestão!). E nesse desafiante percurso talvez se pare para perguntar: “Quem são [os] meus mestres hoje?”²⁰ Quem são?

Deveremos regressar ao *slogan* de 68 “Corre, camarada, corre, o velho mundo está atrás de ti”? para concluirmos que de dez em dez anos deveremos esquecer os conhecimentos adquiridos para se enfrentarem novos combates, isto é, novos conhecimentos?²¹ até se poder pensar que “não é o dólar mas sim a imaginação que salvará o mundo”²²?

Num destes Encontros da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas organizado em anos anteriores escrevi sobre a imaginologia, mas deveria ter antes, talvez, reflectido sobre “de que forma pode ser inferida a ausência de uma geração?”²³ ou, como costume dizer, quais os custos de não tomar medidas em tempo útil? Essas podem ser as acusações que as gerações de futuro sempre farão ao ataque conservador feito à Universidade

¹⁹ Frances Hesseben, Marshall Goldsmith e Richard Beckhard, *O Líder do Futuro – visões estratégias e práticas para uma nova era*, Fundação Peter F. Drucker, Editora Futura, São Paulo, 1998, p. 193.

²⁰ *Idem*, p. 199.

²¹ Jacques Séduéla, *O Futuro Tem Futuro*, Biblioteca das Ideias, Publicações Europa-América, Lisboa, 1998, p. 164. A 1.ª edição é de 1996, Éditions Ramsay.

²² *Idem*, p. 252.

²³ Russel Jacoby, *Os Últimos Intelectuais*, Editora da Universidade de S. Paulo, Trajectória, S. Paulo, 1990, p. 21.

quando esta e a esquerda são acusadas de introduzir política na cultura²⁴. Gostaríamos, pelo nosso lado, de considerar o paradoxo desta questão, já que a Universidade é tida por conservadora pela esquerda! Mesmo assim, a Universidade pode ser perigosa para a direita? Se todo o mundo está a mudar, certamente que a Universidade não ficará imune a essa realidade. Mas entre a globalização e os particularismos talvez possamos pensar que as Universidades “estimulam uma forma intelectual definida”²⁵, de cariz conservador, ainda que liberal, já que no nosso tempo elas não expulsam, simplesmente não contratam ou não promovem aqueles incapazes ou obstinados demais para se adaptarem a elas. E no mundo académico-livreiro dá-se bem conta das regras e dos novos estilos. As dedicatórias de séculos passados mantêm-se apenas alteradas na forma de “agendas telefónicas pessoais; frequentemente uma densa lista de colegas, amigos, instituições e fundações precede o texto. O leitor anónimo agora tem nome e recebe uma saudação; é a sanção de uma era democrática”. Mas é também o filtro. E são os jovens os mais vulneráveis a este estilo “justamente porque emergem em uma situação de oportunidades intelectuais restritas”²⁶. Diremos, no entanto, que todas as gerações foram encontrando as suas portas. E acontece que autores consagrados como Jacques Le Goff sentem a necessidade de “contar” a História aos jovens²⁷, como a dar testemunho de um tempo e de uma participação na construção do futuro. Como fizeram os Homens da *Grande Enciclopédia* no Século XVIII e como sintetiza George Gusdorf quando escreve que “a Europa das Luzes constitui um todo coeso; as correntes que a agitam, as influências que dela imergem não tomam em consideração fronteiras políticas e muito menos fronteiras linguísticas”²⁸. Por isso, este notável pensador, traduzido em Portugal com 20 anos de atraso, ainda nos pode prevenir de que “a opção da história das ideias, para lá do receio dos particularismos da especialização, permite preparar uma teoria dos conjuntos do pensamento no seio da qual cada perspectiva cultural encontraria o seu lugar e

²⁴ *Idem*, p. 213.

²⁵ *Idem*, p. 246

²⁶ *Idem*, p. 247

²⁷ Jacques Le Goff, *A Europa contada aos jovens*, Gradiva, Lisboa, 1997. 1ª edição, 1996, Éditions du Seuil.

²⁸ Georges Gusdorf, *Da História das Ciências à História do Pensamento*, Pensamento Editores Livreiros, Lisboa, 1988, p. 355. 1.ª edição, 1966, Payot.

o seu sentido entre todas as outras”²⁹. Podemos adaptar ou cooptar este pensamento para a questão da globalização e dos particularismos?, passando mesmo dos grandes espaços geo-estratégicos para os espaços escolares e individuais, rejeitando aquilo que tem sido a prática tendencial e se revelou como “um dos paradoxos educacionais”³⁰ porque anima “tentativas de impor atitudes uniformizadas”? Por tradição a “escola enfatiza o comportamento individualista e não a conduta solidária” o que, na análise do investigador que estamos seguindo, pode gerar tensões nos grupos dos jovens. Será necessário entender que “grupos e sociedades vencedores são os que conseguem integrar e somar as diferenças e igualdades do ser humano”³¹. Admitimos que a globalização e os particularismos que se vivem num mesmo tempo têm a ver com esta referência e com esta analogia.

Não vou tirar conclusões. Apenas considerar que o nosso tempo é um tempo de transição, talvez como todos os tempos, mas que debaixo dos nossos olhos está a passar a revolução – no sentido exacto dessa palavra. Revolução como foi a revolução neolítica, quando o Homem ficou quieto à espera de ver germinar a semente; revolução industrial, quando o homem ficou à espera que a luz do dia se prolongasse através do interruptor da luz eléctrica.

Como irão chamar à nossa revolução? O nome pouco interessa se a cultura globalizante que ela está a veicular permitir que a sociedade seja constituída por cidadãos livres saídos das mais variadas culturas.

Todas as revoluções tiveram os seus contra-revolucionários. No nosso tempo isso será, como foi em todos os tempos, irrelevante. Haverá, no entanto, que descobrir alternativas para que a História não tenha apenas que julgar cadáveres. Admito que esse papel – o de descobrir alternativas – possa passar pela Universidade e por uma política cultural – se não, admito igualmente, que os primeiros cadáveres sejam os intelectuais e que isso possa acontecer se a ideia do lucro que está a desenvolver uma mentalidade do lucro nos conduzir a todos a novas escravaturas.

²⁹ *Idem*, p. 354.

³⁰ Milton de Oliveira, *Energia Emocional, base para gerência eficaz*, Makron Books, São Paulo, 1997, p. 64

³¹ *Idem*, p. 64.